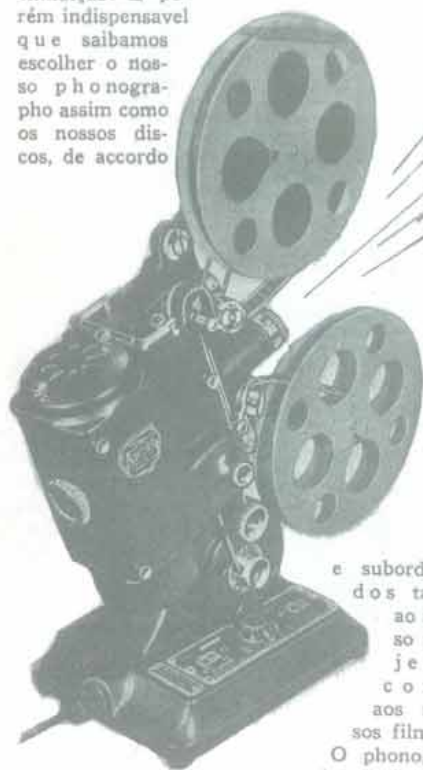


Vejamos.

Uma exhibição cinematographica no Lar produz sempre enorme successo, principalmente si o numero de espectadores não é muito grande, e não passa de meia duzia no máximo, porque, afinal, o Cinema de Amadores não foi idealizado para salões, e sim para salas pequenas, onde se ajunta o mesmo numero de amigos que se ajuntariam para uma partida de "poker". O numero exaggerado de espectadores difficulta a acção do exhibidor-americano. E como, por outro lado, ha um ponto que pôde concorrer ainda mais com o seu auxilio para o successo da projecção, salvo no caso, aliás unico, de que o projector seja synchronizado com um desses apparatus gravadores e reprodutores da voz e do som, vamos demonstrar como o apoio desse ponto é real e util de facto ao successo da exhibição, assim como vamos mostrar que o numero reduzido dos espectadores é indispensavel á utilização desse mesmo ponto de apoio.

O apparatus que o representa é o phonographo. Um phonographo junto ao projector de amadores, numa sala do nosso lar, duplica o prazer da nossa exhibição. E' porém indispensavel que saibamos escolher o nosso phonographo assim como os nossos discos, de accordo



e subordinados tanto ao nosso projector como aos nossos films. O phonographo que mais se adapta á exhibição

de um film, no Cinema de amadores, é o phonographo electrico, de motor electrico, reproduzindo o disco por intermedio de um "pick-up". Tal e qual como nos ultimos modelos dos projectores para amadores, aqui o operador não tem que se incomodar com o terrivel espantinho de uma manivella. E note-se: no projector cinematographico a coisa ainda era peor, porque o operador ficava jungido á tal manivella, durante toda a exhibição do film.

Agora, não. Com os projectores funcionando á electricidade, desde o apparecimento, no mercado, do "Kodascope", e pelo menos no que se refere ao nosso paiz, o operador fica livre para cuidar, durante a exhibição, do acompanhamento musical. E ninguem poderá negar que o acompanhamento musical seja realmente um apoio para augmentar o successo de uma exhibição de amadores no nosso lar.

Quando o amator prepara o seu projector, passando o film pela janella e encaixando-o na bobina vazia, depois que aperta o botão do motor electrico, esse projector fará tudo de per si. Ha os accidentes, sem duvida; mas esses accidentes não serão então occasionaes? O amator ficará livre para manejar o seu phonographo, reproductor electrico do acompanha-

# Cinema de Amadores

(Sergio Barretto Filho)

O APOIO DO PHONOGRAPHO

mento musical para o film do seu dono. E si aquelles accidentes, aos quaes nos referidos acima, se repetirem mais de duas vezes durante a mesma sessão cinematographica, é que: ou o amator não soube tratar correctamente do seu projector, limpando-o e oleando-o frequentemente, ou o amator não soube tratar dos seus films, collando ou reparando os trechos em máo estado, ou então o amator se acha perseguido por um formidavel... azar!

No caso contrario, o projector vae correndo, o film vae sendo visto, e o amator só tem que tratar do phonographo. Este, não impede que o motor seja de molas; nesse caso, quanto maior o numero de molas, mais commodo será o apparatus ao operador, o qual não terá que se lembrar de dar corda ao motor, uma duas, e mais vezes, por film de 60 metros, approximadamente. Só terá que incomodar-se com o levantamento e o abaixamento do "pick-up" sobre o disco, e com a mudança do mesmo disco para a face contraria, quando não seja a substituição d'elle por outro. De qualquer modo, porém, o phonographo electrico, com reproductor electrico e com motor electrico, representará sempre o ideal, como fonte para o acompanhamento musical.

Só o disco preoccupa realmente o amator, nesta questão. Seria erro que não recomendaria o amator, si este se dispuzesse simplesmente a collocar alguns discos junto ao seu phonographo electrico, junto a uma "electrola", como os fabricantes os denominam, e esperasse que o film começasse, para então executar o primeiro disco á mão!

Não! A coisa não é assim tão facil como parece...

Antes de mais nada, precisamos considerar bem tres coisas, tres pontos sobre a escolha dos discos que devem ser executados. Primeiro, é o disco que deve ficar subordinado ao film, e não o film que se deve subordinar ao disco. Segundo, o mesmo disco não poderá ser executado mais de duas vezes seguidas. Terceiro, existe uma classe de musica, nos catalogos phonographicos, que se adapta melhor a cada classe de film, nos catalogos cinematographicos.

O disco tem que se subordinar ao film, isso todo o mundo está farto de saber. Nos tempos aureos do Cinema Silencioso, eram os chefes de orquestras, os conductores e maestros, quem escolhiam as musicas mais de accordo com o film que ia ser exhibido nos Cinemas onde funcionavam as suas orquestras, depois de assistil-o em sessões prévias, pela manhã



D'aqui mesmo do "CINEARTE", os nossos colegas

da antiga secção de "O que se exhibe no Rio", transformada posteriormente n'"A Tela em Revista", já tinham demonstrado mesmo o criterio musical que o Cinema exige para a escolha do acompanhamento, durante a exhibição de qualquer film, criterio esse de que as nossas antigas orquestras não possuíam nem sombra.

O amator, porém, em regra quasi geral, possui sempre esse criterio. E por isso subordinará os seus discos aos seus films vendendo cada film até na propria imaginação, porque certamente já o assistiu mais de uma vez, e executando ao mesmo tempo varios discos que se subordinem melhor ao film. Dissemos porém, mais acima, que o nosso terceiro ponto era a classe de discos que mais se adaptavam á classe de films. O amator terá pois que analisar a que classe pertence o seu film, e então escolher para acompanhá-lo, durante a sua exhibição, alguns dentre varios discos que pertençam á classe que mais se subordina á do seu film, conforme aconselha o terceiro ponto, o qual vamos analisar tambem, mais abaixo.

O disco não pôde ser executado mais de duas vezes por uma razão simplicissima. E' que o trecho musical, escolhido para ser subordinado ao film, contém sempre uma só idéa, ao passo que o film encerra em si mesmo, devido á propria essencia da acção, um milhão dellas.

Um trecho musical de valor, "Murmúrios na Floresta" da opera "Siegfrid", que pertence á "Tetralogia" de Richard Wagner, é maravilhoso para o acompanhamento de um drama sentimental. Dá-se porém o seguinte: o disco, ao ser executado, consome uns 10 minutos, no maximo e na melhor das hypothèses, porque o tempo normal para uma audição é de 3 a 7 minutos. E como o film de 400 pés, ou sejam, quasi 150 metros, dá 15 minutos bem contados de projecção, segue-se que um unico disco não é sufficiente para o mesmo rôlo, desde que esse rôlo seja da classe dos de 400 pés, em film de 16 mm., ou do tipo dos de 100 metros, em film de 9 mm. No entanto, ao passo que durante os 10 minutos de exhibição, mesmo analysando-se o caso sem muitas restricções, a audição do disco termina, depois de ter sugerido ao auditor uma unica idéa musical, a exhibição do film continúa, mesmo depois de ter dado ao espectador uma série bem importante de idéas concatenadas na acção, e que tornaram a continuidade do film.

Será de bom-senso repetir o mesmo trecho musical, agora que o espectador já o ouviu por inteiro? Não. Uma vez, passa. Duas vezes, na peor das hypothèses, ainda passam. Porém tres já são demais; se as scenas mudam, succedem-se, augmentam o interesse proprio, na tela, o acompanhamento musical continúa sendo sempre o mesmo. O accordo entre o acompanhamento musical e o proprio film, que nunca poderá chegar a ser perfeito, decahe cada vez mais; e assim continúa, até que o proprio espectador prefere vêr o film sem o apoio e o auxilio sempre util — isso ninguem pôde

(Term. no proximo numero)